

# A Mídia Eletrônica e as Comunidades Virtuais como Fonte e Manifestação de Conhecimento

*Prof. Dr. Sidney Ferreira Leite*

**Resumo:** O desenvolvimento das novas tecnologias de informação trouxe novos horizontes e desafios para a educação. Assim, faz-se necessário refletir sobre a melhor forma de incorporá-las ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, parece auspicioso discutir quais as metodologias capazes de levar adiante a alfabetização nas linguagens visuais e prover os cidadãos de novos saberes e competências.

**Palavras-chave:** educação, computação, revolução tecnológica.

## O Olhar Questionador

Como sustenta o jornalista e historiador José Arbex Jr., a Guerra do Golfo (janeiro/ fevereiro de 1991) pode ser tomada como o ponto de partida para compreender, com mais nitidez, o poder da mídia no mundo contemporâneo. De fato, a cobertura jornalística desse conflito consolidou um novo paradigma. Em outras palavras, demonstrou, por um lado, que as novas tecnologias de comunicação permitem o registro de eventos, em qualquer parte do planeta e, concomitantemente, a sua imediata retransmissão em tempo real e, por outro, que as fontes de saber e informação estão passando por um momento de grandes e aceleradas transformações. A utilização das mídias eletrônicas com o objetivo de criar, induzir e manipular fatos coloca uma série de novas questões para os educadores e todos os profissionais, cujas atividades estão, direta ou indiretamente, relacionados a compreensão e operacionalização das complexidades do mundo contemporâneo.

O maior desafio para Douglas Kellner, cujas idéias são fundamentais para discutir as questões relacionadas acima, é estar preparado para a emergência das alfabetizações e das inteligências

múltiplas<sup>1</sup>. Os educadores, em geral, necessitam interpretar criticamente as construções e as linguagens elaboradas pela mídia, lançar mão da internet, de filmes e telejornais - que desempenham papel central na forma como as crianças e os jovens concebem e interpretam o mundo. Essas questões são especialmente relevantes, pois os produtos da mídia são empregados cotidianamente nas escolas e, na maioria das vezes, como simples ilustrações, portadoras de verdades inquestionáveis. As manipulações e as distorções são ignoradas ou colocadas num plano secundário. Tal fato se deve, em grande medida, à carência de instrumentais teóricos e práticos para uma leitura crítica das mídias.

Esse trabalho visa contribuir para o exercício do olhar questionador e, conseqüentemente, propiciar uma reflexão sobre o papel e o lugar da mídia no processo de conhecimento. Tal reflexão se dará por meio da experiência adquirida pelo seu autor como coordenador do módulo: **Mídia na Escola**, do projeto Educar 2002, levado a cabo pela Cidade do Conhecimento, no Instituto de Estudos Avançados (IEA) da Universidade de São Paulo.

O programa **Educar** na Sociedade da Informação é a principal via de acesso à Cidade do Conhecimento da USP para professores e outros profissionais do ensino médio e fundamental. O programa inclui ciclos de palestras, visitas, trabalhos de campo e atividades *online* em comunidades virtuais. Mais que um curso de atualização com pesquisadores de destaque da USP e de outras organizações, é um espaço para a formação de redes de contatos com profissionais que lideram iniciativas educacionais, projetos de pesquisa e ações sociais fazendo uso inteligente das novas tecnologias de informação e comunicação.

---

<sup>1</sup> As hipóteses do autor em questão podem ser encontradas na seguinte obra: KELLNER, Douglas - **A Cultura da Mídia**. SP: EDUSC, 2001.

## A Revolução da Informação

Em **Ética e Poder na Sociedade da Informação**, Gilberto Dupas discute como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. A hipótese central está formulada nitidamente no primeiro capítulo: “Apesar de ter sido um período de excepcionais conquistas da ciência, o século XX não terminou bem. O mundo capitalista viu-se novamente às voltas com problemas que parecia ter eliminado: desemprego, depressões cíclicas, população indigente em meio a um luxo abundante e o Estado em crise”. As luzes não se irradiaram pela sociedade de forma harmoniosa e justa. A humanidade acabou submetida às engrenagens de um darwinismo econômico que hoje se chama “globalização financeira”. O progresso se alimenta do atraso e da riqueza do Centro que cresce com a pobreza da Periferia. O autor retrata vários desdobramentos desse contraste e propõe uma saída: a ética da responsabilidade<sup>2</sup>. A questão ética, colocada em relevo por Gilberto Dupas, está diretamente relacionada à necessidade de expandir para milhões de pessoas o acesso às informações e aos conhecimentos que podem ser coletados no ciberespaço.

Como sustenta o cientista político norte-americano Joseph S. Nye Jr., a característica fundamental da revolução da informação não é a velocidade da comunicação entre ricos e poderosos: há mais de 130 anos que a comunicação instantânea entre a Europa e a América do Norte é possível. A mudança decisiva está na enorme redução do custo da transmissão da informação. O atual custo de transmissão da informação tornou-se insignificante para a totalidade dos fins práticos; portanto, a quantidade de informação que se pode transmitir em todo o planeta é de fato infinita<sup>3</sup>.

A atual revolução da informação baseia-se nos rápidos avanços tecnológicos do computador, das comunicações e do *software* que, por sua vez conduziram a extraordinárias reduções no custo do processamento e da transmissão da informação. Como demonstra Nye Jr., o preço de um computador novo vem caindo em aproximadamente um quinto por ano desde 1954. Nos Estados Unidos,

por exemplo, os novos investimentos em tecnologias de informação elevaram-se de 7% a quase 50%. Nos últimos trinta anos, o poder da rede de computação tem dobrado a cada dezoito meses e ainda mais rapidamente nos últimos anos, e hoje isso custa menos de 1% do que custava no início da década de 1970. Se o preço dos automóveis tivesse baixado tão depressa quanto o dos semicondutores, um carro estaria custando cinco dólares<sup>4</sup>.

Há alguns anos que o tráfego na internet dobra de cem em cem dias. Em 1993, havia cerca de cinquenta *websites* no mundo, no fim do decênio, esse número já ultrapassava os cinco milhões. As larguras das bandas de comunicação estão se expandindo velozmente, e os custos continuam caindo mais depressa que os do poder de computação. Ainda recentemente, em 1980, os telefonemas por fio de cobre transportavam somente uma página de informação por segundo; hoje em dia, um finíssimo cabo de fibra óptica é capaz de transmitir noventa mil volumes por segundo. Em dólares de 1990, o custo de uma chamada transatlântica de três minutos caiu de 250, em 1930, para bem menos que um dólar no fim do século<sup>5</sup>.

Nesse cenário, se for levado em consideração tanto o paradigma da velocidade, no qual pode-se detectar que apenas uma pequena parcela da humanidade está a 120km/h e a imensa maioria está a 5 km/h, como a hipótese da redução acelerada dos custos da transmissão da informação, cuja realidade é a constatação de que a redução propalada tem beneficiado a mesma diminuta parte e, simultaneamente, excluído milhões de pessoas.

Essa dupla constatação remete à seguinte questão central: passamos por uma revolução tecnológica que tem no seu centro o computador, a informação, a comunicação e as tecnologias multimídias. Os indicam mais confiáveis sugerem que não estamos suficientemente preparados para aproveitar o rico potencial regenerador que tal revolução propicia,

<sup>2</sup> Ver: DUPAS, Gilberto-**Ética e Poder na sociedade da Informação**. SP: Ed. UNESP, 2001.

<sup>3</sup> In: NYE Jr., Joseph S.- **O Paradoxo do Poder Americano**. SP: Ed UNESP, 2002, p.86.

<sup>4</sup> Em 1980, um gigabyte de armazenamento ocupava o espaço equivalente ao de uma sala; atualmente, cabe num dispositivo do tamanho de um cartão de crédito e pode ser levado no bolso. Sobre esse assunto ver: NYE Jr, JOSEPH S- **O paradoxo do poder americano**. SP: UNESP, p.86.

<sup>5</sup> NYE Jr., Joseph S. **O Paradoxo do poder americano**. SP: UNESP, p.85.

principalmente quando o campo em questão é o educacional.

De fato, a revolução tecnológica em curso traz novos e instigantes desafios. Cabe destacar, em especial, a necessidade de prover tanto as crianças, como os adultos com as ferramentas e as competências que abram as portas para a participação ativa no século XXI. Pois, as exigências históricas, afloradas principalmente pelo processo de globalização, impõem a existência de cidadãos informados e ativos. A rigor, é mister sublinhar, a revolução em questão, torna indispensável a reestruturação do sistema educacional que predominou nos últimos dois séculos.

### **Por uma teoria crítica da tecnologia**

O filósofo Douglas Kellner, tem razão quando sustenta que nesse tempo de rápidas e profundas mudanças é necessário enfrentar o desafio da experimentação. Em outras palavras, urge questionar as práticas existentes, os sistemas pedagógicos e as filosofias educacionais e de construir novas formas. Nesse cenário, cabe testar o que funciona e o que não funciona no novo milênio. É tempo de refletir sobre metas e, ao mesmo tempo, discernir o que queremos alcançar com a educação. Mas, de forma aparentemente contraditória, é também a época de voltar à filosofia da educação clássica que insere as reflexões sobre a educação nas reflexões sobre a vida e a sociedade e, concomitantemente, refletir sobre como podemos transformar a educação no dispositivo central da sociedade contemporânea.<sup>6</sup>

Nesse contexto, dois grupos estão em litígio: os tecnofóbicos que têm como premissa a oposição às novas tecnologias e os apologistas que, por sua vez, pregam que às novas tecnologias são as caixas de pandora do novo milênio. Nesse cenário bipolarizado, a virtude, tudo indica, está na terceira via, isto é, sustentar que a tarefa prioritária é a investigação sobre as possibilidades e os limites das novas o desenvolvimento das tecnologias. Seguindo tal pressuposto, deve-se rejeitar o exagero e as pretensões das novas tecnologias, pois vê as limitações das propostas pedagógicas e educativas

baseadas primeiramente na tecnologia sem ênfase adequada no pedagógico, no professor e no fortalecimento do estudante.

A alfabetização crítica da mídia deve ser um projeto pedagógico que tem como premissas fundamentais a participação e o trabalho em conjunto. Assistir a programas de televisão ou a filmes em grupo, promover discussões produtivas entre professores e alunos, com ênfase no ato de trazer à tona as visões que os estudantes sistematizam, ou seja, permitir variadas interpretações dos textos midiáticos. Assim, como urge formar comunidades virtuais e grupos de discussão. De fato, parece nítido, que tanto as crianças como os jovens conhecem mais a cultura midiática do que seus professores<sup>7</sup>. Dessa forma, as atividades pedagógicas, acima descritas, poderão trazer contribuições significativas para o processo de ensino-aprendizagem e, concomitantemente, iniciar a alfabetização nas linguagens visuais: “Para desenvolver a alfabetização midiática, é preciso desenvolver a sensibilidade à imagística visual, ao som e ao discurso, bem como quanto à estrutura narrativa e aos significados e efeito de texto. Desse modo, recorre-se à estética desenvolvida em literatura, filme, vídeo e em estudos de arte, combinando tal material ao se referir a especificidades do texto particular ou de artefato em questão”.<sup>8</sup>

A partir dessa perspectiva, a alfabetização em informática deve ser orientada e conduzida de forma global e total. Aprender como usar computadores, acessar informações e material educativo, usar correio eletrônico e, até a construção de *websites*, o acesso e o processamento de diversos tipos de informações que, embora, abundantes na “sociedade de informação”, ficam restritos a um número reduzido de privilegiados. Em outras palavras, a alfabetização em questão, inclui a informação de como encontrar fontes de informação desde locais tradicionais, como: as bibliotecas, a mídia impressa, os novos *websites* de internet e os mecanismos de busca. Assim como, envolve aprender onde encontrar a informação, como acessá-la e como organizar, interpretar e avaliar a informação que se procura.

---

<sup>6</sup> KELLNER, Douglas- “Novas tecnologias: novas alfabetizações. Centro Universitário Sul de Minas, p.05.

---

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

Mas, não basta o domínio eminentemente técnico. Nessa cultura multimídia computadorizada, a alfabetização visual passa a ocupar posição central na educação. Afinal, como sustenta o autor de **Cultura da Mídia**, as telas dos monitores são mais gráficas, visuais e interativas do que os campos impressos convencionais. Tais fatos confundem os cidadãos, quando esses são confrontados com novos ambientes da *web*, isto é: ícones, janelas, mouses e os vários comandos, conexões e interações presentes na linguagem do hipertexto e mediados pelo computador; fenômenos que ditam novas competências e exigem uma dramática expansão da nova alfabetização. A rigor, postula-se a alfabetização múltipla, ou seja, as alfabetizações necessárias para acessar, interpretar, criticar e participar das novas formas emergentes de cultura e sociedade. As multialfabetizações e as novas pedagogias devem tornar-se reflexivas e críticas e, dessa forma, discutir a natureza e efeitos das novas tecnologias e sistemas pedagógicos, sem fazer tabula rasa, como foi discutido ao longo desse trabalho, da revolução tecnológica.